



PLANTANDO E ACOMPANHANDO COM AMOR, COLHENDO COM RESPEITO: EDUCAÇÃO HUMANIZADORA E VALORES HUMANOS NOS ANOS INICIAIS

Lauriane Patriício Boeno ¹
Alexandra Franchini Raffaelli ²
Douglas Orestes Franzen ³

RESUMO

A educação do futuro precisará de metodologias que se adaptem e aprofundem conforme as necessidades do ser humano. O professor do século XXI é agente de inovação no ambiente escolar. Este trabalho tem como objetivo principal, pesquisar qual o papel do pedagogo na humanização e no auxílio a construção de valores morais/valores humanos dos educandos dos anos iniciais. O pedagogo é responsável por uma grande parte da construção humana e da aprendizagem da criança. O professor é um dos espelhos do aluno, a criança precisa confiar em seu educador e essa confiança vai sendo conquistada aos poucos através do afeto e da coerência que o pedagogo tem com suas atitudes e falas. Cada pessoa tem a liberdade para escolher os valores que norteiam sua vida, o desafio da escola juntamente com a família é orientar e promover o auxílio na construção da criança com valores morais que façam uma diferença positiva na sociedade.

Palavras-chave: Educação do futuro. Humanização. Valores morais/humanos. Educador. Educando.

INTRODUÇÃO: AQUI SE PLANTA, AQUI SE COLHE

O século XXI mais do que nunca nos reafirma a importância da valorização do lado humano no processo de ensino/aprendizagem. O ambiente escolar é composto por educandos que possuem subjetividades diferentes um do outro e por educadores que também possuem singularidades específicas, sendo que, a maior dificuldade da escolarização atual é harmonizar todas essas diferenças.

Mas essa harmonização não ocorre de uma maneira qualquer, ela precisa oferecer a cada integrante dessa enorme “teia”, a construção específica que Ele necessita para esse processo se tornar uma educação de valor, fazendo assim, sentido na vida do ser humano.

¹ Graduada no Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI, Itapiranga- SC, lauh.p.boeno@gmail.com;

² Pró Reitora Acadêmica do Centro Universitário FAI, Itapiranga- SC, alexandra@uceff.edu.br;

³ Professor do Centro Universitário FAI, Itapiranga- SC, douglas@uceff.edu.br;



A palavra pedagogia vem de origem do “paidós” e do “agodé” origem do grego que significa “criança” e “condução”, na Grécia antiga o “paidagogo” era quem conduzia a criança (JUNIOR, 2007).

Precisamos nos libertar de alguns processos que não agregam e nem têm sentido na vida dos educandos, como antigas frases popularmente conhecidas que eram usadas na alfabetização, que não possuem significados concretos, são vazias, sem valor. A “laranja é de Lili”, mas quem mesmo é Lili?

Um bom pedagogo, um bom educador, em uma educação humanizadora, além de orientar componentes curriculares obrigatórios, auxilia no desenvolvimento integral do educando. O pedagogo é responsável por uma grande parte da construção humana e da aprendizagem da criança e de seus valores morais.

Acolher o humano precisa ser o foco principal. Quem é a criança que aprende? Qual a sua identidade? Quais as suas subjetividades? Suas esperanças? Suas angústias? Tudo precisa ser considerado (HAMMERSCHMITT, 2021). Como educadores, como está a qualidade do nosso ensino? Quais marcas estamos deixando aos nossos educandos? Qual a nossa obra? Qual o nosso legado na educação?

Mediante a complexidade das questões que envolvem a educação e o ser humano, sempre será válido e importantíssimo debater sobre o educar e a escolarização, na crença de que a função da escola é desenvolver o educando de forma integral, por isso o ensino de valores também é missão da escola (SKRSYPCSAK, 2020).

O pedagogo é um cultivador de rosas. Cada uma das rosas tem uma essência, um perfume, uma cor (cada ser humano tem suas subjetividades), sendo que, nenhuma rosa é igual à outra, isso as torna muito mais preciosas (a diversidade humana é a riqueza do mundo). Durante esse artigo, em alguns momentos, poderemos nos referir aos educandos como rosas e ao educador como cultivador de rosas. Se analisarmos cuidadosamente uma rosa, veremos que além da beleza, do perfume, ela também possui espinhos, esses espinhos nos mostram que nada na vida é perfeito, que cada ser humano possui suas complexidades.

Podemos também, associar esses espinhos às dificuldades que durante a vida o ser humano encontra e que os moldam até chegar aos botões (até chegar ao que cada um se torna na sociedade), e que esses mesmos espinhos (que são gerados pelas dificuldades e imperfeições), se tornam o instrumento de defesa que a rosa tem.

Quão mais velha uma rosa é, mais perfumada ela se torna e suas cores são marcantes, assim, ela modifica o ambiente em que se encontra.



Outra característica da rosa é a forma como ela cresce, os botões da rosa abrem, abrem para o mundo, abrem para embelezar o espaço onde estão, abrem para se permitir viver e conhecer o espaço onde estão inseridas, diferente de outras plantas, como por exemplo, o repolho que com o passar do tempo, na fase adulta, se fecha, não se permite viver.

O pedagogo como um bom cultivador de rosas precisa mediar os cuidados necessários a essas plantas para que se desenvolvam e embelezem ainda mais o jardim em que se encontram (que a criança possa fazer diferença no meio social em que está inserida). Um bom mediador lapida com cuidado (auxilia na construção de valores), esses botões, educandos, que a ele foi confiado e os tornam grandes frutos, ou seja, esplêndidas rosas (seres com valores mais HUMANOS).

PLANTANDO E ACOMPANHANDO COM AMOR: CONHECENDO A HUMANIZAÇÃO

O pedagogo é responsável por uma grande parte da construção humana e da aprendizagem da criança. Saint-Exupéry (2020, p.10) na obra em que interpreta o Pequeno Príncipe afirma que, “os adultos me desestimularam de seguir a carreira de pintor quando eu ainda tinha seis anos, por isso, não aprendi a desenhar nada além de serpentes vistas pelo lado de fora e serpentes vistas pelo lado de dentro”. Nesse relato o autor cita que foi desestimulado pelos adultos e que talvez um grande sonho, uma possível profissão foi reprimida pela falta de estímulos. Ele ainda cita que:

Os adultos me aconselharam a desistir dos desenhos de serpentes jibóias, vistas por fora ou por dentro, e a me dedicar aos estudos de geografia, história, matemática e gramática. E foi assim que, aos seis anos de idade, abandonei a minha promissora carreira de pintor. Eu fiquei desapontado com o fracasso dos meus primeiros desenhos. Os adultos nunca conseguem entender nada sozinhos e é exaustivo para as crianças ter que explicar tudo o tempo todo (SAINT-EXUPÉRY, 2020, p.6).

Um bom pedagogo, um bom educador, em uma educação humanizadora, além de orientar componentes curriculares obrigatórios, auxilia no desenvolvimento integral do educando, “educar não significa adestrar, mas sim permitir ao educando agir livremente, e o educador/a ajuda o/a educando/a a criar-se.” (WELTER, 2006, p.37), fazendo com que se torne um ser individual e ao mesmo tempo social, tentando estimular ao máximo da maneira correta e no momento certo, todas as competências e habilidades possíveis no desenvolvimento da criança.

A educação que promove processo de consciência crítica se caracteriza como processo educativo humanizador na perspectiva lukacsiana e para tal é necessário que conheça



a história social de seus ancestrais, para entender como se constitui historicamente a condição social a que se encontra submetido (KEIM, 2011, p.314).

Para uma educação humanizadora, é importante conhecer a história de vida do educando, a história de seus ancestrais, a bagagem cultural que o sujeito carrega e, através disso, aprimorar os conhecimentos da criança. Quando escreve sobre o magistério da atualidade o professor e pesquisador Hammerschmitt (2021, p.106) escreve:

Atualmente, já não é mais possível uma postura profissional estagnada, engessada, ou presa a paradigmas profissionais de sistemas organizacionais do passado, Flexibilidade é a tônica do profissional do século XXI e isso afeta também o magistério e a necessidade de uma profunda reinvenção nas formas de estabelecer relação de ensino e aprendizagem em espaços formais de desenvolvimento humano.

Humanizar é ajudar a rosa a construir um perfume marcante, um ser que seja humano e que pense no bem comum, sendo que, se a humanização for atingida com sucesso, essa fragrância se espalha facilmente (amor gera amor/respeito gera respeito), deixando marcas positivas no mundo. Precisa ter muito respeito e responsabilidade, pois, pouca ou muita água, ou até podas fora do tempo ou mal realizadas, podem trazer consequências horríveis na vida adulta dessa planta. É preciso ter olhar sensível e muita paciência. Como são rosas diferentes umas das outras, cada rosa precisa de um cuidado específico identificado pelo pedagogo.

A humanização dos sujeitos constitui o desafio maior da existência. No termo “humanização” se evidencia o que difere o ser humano dos outros seres vivos. A simples transmissão de conhecimentos significaria para a humanidade estagnação no processo evolutivo e resultaria em deixar de ter a característica que torna especificamente o homem humano (DICKMANN et al., 2017).

Nos relatos de Saint-Exupéry é visível a repressão de uma habilidade do personagem, a de desenhar. As aprendizagens de geografia, história, matemática e gramática são fundamentais, porém, elas não são as únicas necessidades que precisam ser desenvolvidas pela pessoa. Na educação humanizadora a convivência com outros seres, com a natureza e as vivências na escola precisam ser exploradas, todas as áreas devem ser observadas pelo pedagogo para que a falta de alguma habilidade ou de alguma competência não prejudique o educando futuramente.

O pedagogo precisa ter respeito, responsabilidade e atenção ao ensino e a aprendizagem, pois, pouca ou muita água, “podas” fora do tempo ou mal realizadas, pode trazer consequências terríveis na vida adulta dessa planta (criança), como afirma Saint-Exupéry (2020, p.12), “mas foi aí que lembrei que eu havia estudado história, geografia, matemática e gramática e, então, disse ao menino que eu não sabia desenhar”.



Somos seres complexos, “o ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo” (MORIN, 2004, p.57), individual, subjetivo e ao mesmo tempo social. “Nascemos e crescemos em sociedade. Somos um animal que cresce em grupos. Por isso, solicitamos o apoio de outras pessoas, não é só comum, como faz parte da nossa natureza” (BINS; KUFFEL, 2020, p.161). Carneiro, em uma de suas obras, reforça a ideia que “o ser humano foi criado para viver em comunidade” (CARNEIRO, 2019, p.49).

Na educação humanizadora, a construção do “eu” depende muito da construção social em que o sujeito está inserido, ou seja, da estruturação do “nós”, sendo que, os dois estão extremamente ligados podendo assim deixar resquícios positivos ou negativos um no outro, a troca. Carneiro deixa bem explícita sua linha de pensamento sobre esse assunto quando afirma que “todo ser humano precisa de ajuda em um momento ou outro da vida; é por isso que nascemos para viver em comunidade” (CARNEIRO, 2019, p.185).

A Base Nacional Comum Curricular (2016, p.438) reforça a ideia da importância das relações e das trocas, do sujeito com outros sujeitos e com a natureza percebendo-se iguais e diferentes:

O ser humano se constrói a partir de um conjunto de relações tecidas em determinado contexto histórico-social, em um movimento ininterrupto de apropriação e produção cultural. Nesse processo, o sujeito se constitui enquanto ser de imanência (dimensão concreta, biológica) e de transcendência (dimensão subjetiva, simbólica). Ambas as dimensões possibilitam que os humanos se relacionem entre si, com a natureza e com a(s) divindade(s), percebendo-se como iguais e diferentes. A percepção das diferenças (alteridades) possibilita a distinção entre o “eu” e o “outro”, “nós” e “eles”, cujas relações dialógicas são mediadas por referenciais simbólicos (representações, saberes, crenças, convicções, valores) necessários à construção das identidades.

Através do conjunto de relações o ser humano se constrói. Segundo a ONU (2019) dentre as dez habilidades do profissional do futuro, quatro delas tem relação com a troca e a vivência em grupos, são elas: a negociação, a orientação para servir, a coordenação com os outros e a gestão de pessoas.

O valor de uso da troca acontece quando cada pessoa utiliza seus saberes, suas potências e bens para manter-se vivo e saudável, adquirindo no meio em que vive saberes e potências, disponibilizando a sociedade seus saberes e suas potências. A escola humanizadora precisa disponibilizar oportunidades de troca entre: criança/criança, adulto/criança, criança/adulto, criança/natureza, criança/animais.

A criança é um sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas, a ela disponibilizadas, por ela estabelecidas com adultos e crianças, de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz



amizades, faz de conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e sua identidade pessoal e coletiva, produzindo cultura (BNCC, 2016).

Saint-Exupéry (2020, p.26), através de metáforas, insinua com cautela, a importância dos relacionamentos: “era uma vez um pequeno príncipe que vivia em um planeta onde tudo era um pouco maior que ele e precisava de um amigo [...] Para quem entende o que é mais importante na vida, sem dúvida, isso soaria mais verdadeiro”. Visto que Welter (2006, p.11), reforça a importância da convivência e das relações no processo de humanização de um sujeito:

Acredita-se que a educação tem fundamentalmente uma função humanizadora, em contraste com a educação autoritária, instrutora, passiva e disciplinar. Essa proposta educativa e humanizadora deve situar-se necessariamente na complexidade, na interdependência e na convivência.

O professor e escritor Hammerschmitt (2021, p.112) afirma que:

Nesse sentido, aponta-se a ternura como elemento central da pedagogia atual, como uma nova estratégia de abordagem existencial para qualificação das relações de ensino e aprendizagem. A ternura como consistência existencial e pedagógica, para com maturidade, responsabilizar os diferentes elementos que compõem a teia das relações de ensino e aprendizagem nas suas múltiplas plataformas tanto presenciais, quanto virtuais. A ternura como meiguice, afeto, carinho, sentimentos brandos e suaves.

A educação humanizadora precisa ter como elemento central a ternura como abordagem existencial.

Uma das funções essenciais da escola é educar para a humanização, sendo que a educação é um direito humano e fundamental. A educação apenas tem sentido quando contribui no desenvolvimento do ser humano.

Em um de seus poemas, Melo (2017, p.1), afirma que a única coisa que o menino (o ser humano) leva em sua jornada pelo mundo é a infância, conseqüentemente junto com sua infância leva sua educação, sua humanização e seus valores humanos:

Talvez cheguemos por terra, na poeira do caminhão, um doce rastro varando as fomes da escuridão. Não faz mal se vais dormindo, porque teu sono é canção. Vamos andando, Leonardo. Tu vais de estrela na mão, tu vais levando o pendão, tu vais plantando ternuras na madrugada do chão. Meu companheiro menino, neste reino serás homem, um homem como o teu pai. Mas leva contigo a infância, como uma rosa de flama ardendo no coração: porque é da infância, Leonardo, que o mundo tem precisão.

Além de falar sobre a importância da infância na vida do ser humano, o escritor ainda supõe que é da infância que o mundo precisa. Uma criança transmite paz, ternura, companheirismo e coração, ou seja, é um ser empático que ama sem limites e que não faz distinção. Segundo o autor, o mundo precisa da infância porque a infância traz paz e amor no coração de todos.



É na infância que grande parte do ser humano é construído, e o que ele se tornará será carregado por toda a vida. Quando escreve sobre o papel da escola nesse processo da infância do educando, a pesquisadora Welter (2006, p.38) afirma que:

A escola, como um espaço de convivência, deve permitir o crescimento dos/as educandos/as como seres humanos no auto-respeito e no respeito ao próximo; na aceitação, onde o outro surge como legítimo outro em convivência; na ação e reflexão no mundo em que vive, de forma coerente com o viver do/a educador/a.

Como a formação humana se dá pela convivência e a escola é um espaço de vivências, a escola se torna responsável também pela construção da pessoa como um SER HUMANO.

Quando a humanização não acontece o indivíduo se torna uma “coisa” e essa educação se torna uma educação “bancária”, o ato educativo se torna um processo de “depósito”, “depositar” conteúdos. No qual o depositante é o “educador” e o depositário é o “educando” e esse ato tornará na “domesticação do homem” (FREIRE, 1997, p.13).

Freire (1997, p.13) sobre uma educação não humanizadora, ainda escreve que “segundo essa concepção, o educando é como se fosse uma ‘caixa’ na qual o ‘educador’ vai fazendo seus ‘depósitos’. Uma ‘caixa’ que vai se enchendo de ‘conhecimentos’”, como se o conhecer fosse o resultado de um ato passivo de receber doações ou imposições de outros.

A educação humanizadora desperta curiosidades, propõe vivências, instiga, forma seres humanos críticos, empáticos, solidários, liberta o educando e respeita a bagagem informal que a criança carrega.

PLANTANDO E ACOMPANHANDO COM AMOR: VALORES MORAIS/VALORES HUMANOS

Somos frutos de uma educação complexa, alguns dos valores que carregamos conosco vem da família, mas muitos outros construímos nas vivências escolares, onde o papel da escola, da sala de aula e dos educadores é fundamental. Valores esses que carregamos por toda a vida.

Os valores funcionam como guia em nossas vidas e baseado neles a criança/jovem se apoiará para tomar as suas decisões futuras, os valores influenciarão no julgamento do que é certo e do que é errado, numa visão pessoal e social.

A Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB, 1996) no artigo 27 afirma que os conteúdos curriculares da educação básica deverão observar algumas diretrizes, entre elas a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos deveres e direitos dos cidadãos, para o bem comum.

Segundo Cortella (2013, p.41):



A ideia de consciência sobre os propósitos está ligada à noção de valores. Quais são os meus valores? O que eu acho que vale e o que eu acho que não vale? A minha vida valerá de que modo? É uma vida com ou sem valia? Que valia eu quero colocar nela? Para que serve essa vida? Qual é o meu papel dentro da estrutura em que atuo? O campo ético é decisivo porque lida com os valores que me permitem ter uma conduta na vida.

Por que não discutir com os educandos a realidade concreta, associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade do mundo? (FREIRE, 1996).

“Um dos maiores problemas sociais na atualidade é a falta ou a inversão de valores humanos, considera-se que a sociedade, hoje em dia, perdeu os valores ou que os mesmos estão em crise” (SKRSYPCSAK, 2020, p.34). Sobre os valores humanos, Oliveira e Welchen (2013, p.20) escrevem:

Os valores acompanham o ser humano sempre. Assim, trata-se de respostas aprendidas com base nas experiências da vida. Quanto mais experiências positivas estiverem ao alcance dele, e quanto mais positivas forem as reações que receber de sua parte, maior será a possibilidade de aprender que valores são essenciais à vida. As riquezas e os bens podem ser herdados, mas os sentimentos de respeito precisam ser aprendidos.

Sendo que os valores funcionam como guia e baseado neles a criança/jovem se apoiarão para tomar as suas decisões futuras, os valores influenciarão no julgamento do que é certo e do que é errado, “os valores morais existem porque são o alicerce sobre o qual se estrutura o ser humano” (WELCHEN; OLIVEIRA, 2013, p.19) e os valores socialmente desejáveis são: a justiça, a solidariedade, o respeito, a cooperação e o diálogo e convivência democrática (SKRSYPCSAK, 2020).

O documento da BNCC quando cita a construção do educando, contribuí com a formação do educador da seguinte maneira:

Ao longo de toda a Educação Básica, o ensino das Ciências Humanas deve promover explorações sociocognitivas, afetivas e lúdicas capazes de potencializar sentidos e experiências com saberes sobre a pessoa, o mundo social e a natureza. Dessa maneira, a área contribui para o adensamento de conhecimentos sobre a participação no mundo social e a reflexão sobre questões sociais, éticas e políticas, fortalecendo a formação dos alunos e o desenvolvimento da autonomia intelectual, bases para uma atuação crítica e orientada por valores democráticos (BNCC, 2016, p.306).

O ensino tem a obrigação de potencializar e explorar experiências sobre o mundo, sobre o sujeito social e sobre a natureza, respeitando a bagagem informal que a pessoa carrega e suas limitações, “você terá o pôr do sol que tanto quer. Vou exigir-lo. Mas, pela minha experiência de comandante, devo esperar as condições favoráveis” (SAINT-EXUPÉRY, 2020, p.61).



Baseado na liberdade de pensamento e de consciência, quais atitudes, quais comportamentos podemos ter? “A ética é um conjunto de princípios e valores que você usa para responder as três grandes perguntas da vida humana: Quero? Devo? Posso? O que é moral? A prática da resposta” (CORTELLA, 2013, p.106).

Sobre a Ética e as relações morais, Cremonese (2019, p.16) escreve:

Como vimos, a ética estuda as relações morais. A ética é o fundamento, o princípio e é um conceito universal, por exemplo: “não pegar o que não me pertence”. Já a moral é a prática e é mais relativa, por exemplo: “se eu roubo ou não”. A ética é a reflexão crítica sobre os valores presentes nas ações entre as pessoas na sociedade. A moral coloca-se, assim, enquanto preceitos que orientam a nossa vida em sociedade.

As ações de cada sujeito devem ser norteadas pela moral. A moral e a ética precisam ser levados em consideração, não existimos sem a presença da relação com os outros, sem a troca. A ética e a moral são essenciais para manter a organização social, sem elas, a sociedade entraria em colapso (CREMONESE, 2019).

Segundo os escritores, aprender ou ensinar valores morais está entre as ações que promovem a humanização do homem e uns dos objetivos da BNCC da disciplina de Religião (2016, p.436), “contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania”.

Se podemos, devemos fazer? “Não, nem tudo é permitido, mesmo sendo descrente” (CREMONESE, 2019, p.16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação do futuro precisará de metodologias que se adaptem e aprofundem conforme as necessidades do ser humano. O educador do século XXI é agente de inovação no ambiente escolar. “Esta nova prática, necessariamente exige um novo professor, ou, um professor repensado. Alguém disposto a ousar modificar-se para experimentar algo novo, cujas consequências são pouco conhecidas” (KRAHE; GRAVY, 2007, p.6).

Os valores morais/humanos conduzirão a criança em todas as atitudes que ela tomar durante a sua vida, seja decisões pessoais e sociais, quando bem construídos o sujeito pensará “duas vezes” antes de tomar qualquer atitude que possa de alguma forma intervir na sociedade.

A educação humanizadora é aquela que liberta e constrói seres humanos que pensam no próximo, que amam incondicionalmente, que pensam na natureza, que sabem viver em grupo e se relacionar. Conheço vários homens vermelhos, quase roxos, que moram em um planeta no qual eles nem sabem o que possui. Nunca sentiram o aroma de uma flor, nunca contemplaram



as estrelas, nunca sentiram amor por ninguém. Eles só sabem fazer contas de somar, nada mais que isso e eles se orgulham por isso. Eles podem ser qualquer coisa nesse planeta, até cogumelos, mas seres humanos eles não são (SAINT-EXUPÉRY, 2020).

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Heloisa Moulin de; MULLER, Adriana. Educação Moral: o aprender e o ensinar sobre justiça na escola. Educação e Pesquisa SciELO Brasil, São Paulo, vol.38, n.2, Abr./Jun.2012. Disponível em: bit.ly/30341wt. Acesso em: 26 abr. 2021.

ANDRÉ, Marli; LUDKE, Menga. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. Em Aberto, Brasília, n.31, p.43-48, jul./set. 2011.

ASSMANN, Hugo. Metáforas novas para reencantar a Educação. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.

AVELINO, Luciana Cristina da Silva. O que é ser pedagogo: uma visão do profissional Brasília. Universidade de Brasília, DF, 2013.

BINS, Fernando; KUFFEL, Caciano. De Repente Sozinha. Caxias do Sul, RS: Leonardo Rech, 2020.

BRASIL. Base Nacional Curricular Comum. Ministério da Educação, 2016.

BRASIL. Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação, 1996.

CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza. Educação: agentes formais e informais. São Paulo: EPU, 1985.

CARNEIRO, Caio. Enfodere-se. São Paulo: Buzz Editora, 2019.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia Científica. São Paulo: MAKRON, 1996.

CORTELLA, Mario Sergio. Qual a tua obra: Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COUTO, Leandra Lúcia Moraes. Prática Docente e Justiça: Educação em Valores Morais no Ensino Fundamental. 145f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, ES, 2013.

CREMONESE, Dejalma. Ética e moral na Contemporaneidade. Revista Latino. v.1, n.1, jan./abr.2019.

DAVIS, Claudia; ESPÓSITO, Yara; SILVA, Maria Alice Setúbal S. e. Papel e valor das interações sociais em sala de aula. Cadernos de pesquisa, n. 71, p. 49-54, nov. 1989.



DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Organização das Nações Unidas. 1948. Disponível no link: bit.ly/3GWQzep. Acesso em: 10 mai. 2021.

DICKMANN, Ivo et al. Pedagogia da memória. Chapecó: Sinproeste, 2017.

DINIZ, Célia Regina; SILVA, Iolanda Barbosa da. Metodologia científica. Campina Grande, 2008.

FERRARI, Márcio. Friedrich Froebel, o formador das crianças pequenas. Nova Escola. 01 out. 2008. Disponível em: bit.ly/3CT2irW. Acesso em: 10 abr. 2021.

FODRA, Sandra Maria. O projeto de vida: escolas do programa ensino integral. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2014.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. Estudos Avançados, vol.15, n.42, Mai./ago. 2001. Disponível em: bit.ly/3kePyVm. Acesso em: 27 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. Papel da educação na humanização. FAEEBA. Salvador, n. 7, pág. 9-17, jan./jun. 1997. Disponível em: bit.ly/3kzClqv. Acesso em: 28 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIANE. O importante é a rosa. 1968. Disponível em: bit.ly/3ogLKnE. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

GIL, Antonio Carlos. Pesquisa Social. São Paulo: Atlas, 1999.

HAMMERSCHMITT, Viane Luis (org). Filosofia e educação temas transversais, reflexões e práticas pedagógicas. Itapiranga SC: Schreibern, 2021.

JUNIOR, Paulo Ghiraldelli. O que é pedagogia. São Paulo: Coleção primeiros passos, 2007. Disponível em: bit.ly/3kmEHZx. Acesso em: 10 out. 2021.

KEIM, Ernesto Jacob. Humanização e educação em Freire e Lukács. Atos de Pesquisa em Educação, v.6, n.2, p.300-321, mai./ago. 2011.

KRAHE, Elizabeth; GRAVY, Aline Manara. Um novo professor para uma escola de qualidade para todos: as reformas curriculares nas licenciaturas. 2007. Disponível em: bit.ly/3EWs5zZ. Acesso em: 26 out. 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia tradicional: notas introdutórias. PUC Goiás, 1990.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. O desafio das diferenças nas escolas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. Disponível em: bit.ly/3EZdMel. Acesso em: 05 mai. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 2012.



MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. Formação Humana e Capacitação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MELO, Thiago. Poema: Toada de ternura- Thiago de Melo- com interpretação/ gabarito. Blog Armazem de texto. Santiago do Chile, 22 dez. 2017. Disponível em: bit.ly/300daX2. Acesso em: 10 abr. 2021.

MORIN, André. Pesquisa-ação integral e sistêmica. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. MORIN, Edgar. A Cabeça Bem-Feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento. 20 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 9. ed. Brasília, DF: UNESCO, 2004.

OLIVEIRA, Marineiva Moro Campos de; WELCHEN, Dirce. A Formação De Valores No Ambiente Escolar. Unoesc & Ciência—ACHS, Joaçaba, v. 4, n. 1, p. 19-30, jan./jun. 2013.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais. Academia Edu São Paulo, 2006

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. O Pequeno Príncipe. Frederico Westphalen, RS: Vitrola Editora, 2020.

SANTOS, José Alex Soares. Teorias da Aprendizagem: Comportamentalista, Cognitivista e Humanista. Sigma, 2006.

SEIXAS, Raul. Metamorfose Ambulante. Letras. Disponível em: bit.ly/3khJ1Jt. Acesso em: 28 abr. 2021.

SKRSYPCSAK, Daniel. Educação em valores morais: potencialidades de uma experiência em formação continuada de professores. 270f. Tese (doutorado Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS, 2020.

TOSI, Giuseppe. Direitos Humanos: História, teoria e prática. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

WELTER, Maria Preis. Educação Humanizadora: Um desafio do século XXI. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC, 2006.

YIN, Roberto. Estudo de Caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da educação no Brasil. Educar em Revista, n.65, set. 2017. Disponível em: bit.ly/3o5jC6U. Acesso em: 27 abr. 2021.